

O Norte no Sul?

Carmen e Rubén, um jovem casal cubano, foram para o Brasil há ano e meio. Ele, especialista em Matemática, tinha obtido uma bolsa numa universidade carioca, e ela, jornalista, beneficiou no terreno de outra ajuda, na área das comunicações.

Os rendimentos de que usufruem não são nada maus, e permitem-lhes viver folgadoamente no Rio de Janeiro, num andar com excelentes condições. As suas competências são valiosas, de acordo com os seus patrocinadores. E eles, que tiram proveito das oportunidades, estão a considerar seriamente assentar por muito tempo no país que se vai tornando uma espécie de Alemanha da América Latina.

É um destino “estranho” para um cubano, cujo Norte mais habitual é a Florida (EUA), e a Espanha em segundo lugar. No entanto, tanto para eles, como para muitos outros latino-americanos, o Brasil apresenta hoje novos atractivos: o de ser uma potência regional, que tem crescido a um ritmo de 4,5 por cento ao ano, com um elevado nível de exportações, e cujos recursos naturais, entre os quais as novas jazidas de crude descobertas, o vão erguendo como um gigante económico junto dos países mais industrializados do planeta.

Como o Brasil, encontra-se a Argentina. As imagens da explosão social de 2001 foram sucedidas por ações concretas de recuperação da confiança, e o país do tango tem crescido anualmente a nove por cento, o que tem atraído imigrantes de vários países vizinhos (peruanos, bolivianos e paraguaios são tradicionalmente os mais numerosos), embora não apenas esses: mesmo do outro lado do Atlântico, de África, também têm chegado grupos de trabalhadores dispostos a ganhar o sustento sem terem de se aventurar nas fronteiras dos países desenvolvidos do norte, cada vez mais difíceis de franquear.

E, nos últimos tempos, juntam-se igualmente, em tendência crescente, milhares de imigrantes europeus.

Segundo o sítio *web* da Organização Internacional para as Migrações (OIM), o número total de migrantes internacionais aumentou de 150 milhões no ano 2000, para 214 milhões hoje. Claro que, a maior parte dessa massa de imigrantes vem dos países do sul, entendido como tal não com referência ao ponto cardeal, mas como “aos países de rendimento baixo e médio”.

Esta classificação do Banco Mundial é mais adequada. Assim, um país como a Coreia do Norte, com níveis de rendimento muito baixos, e alguns outros setentrionais da Ásia, fariam parte do “Sul” em termos de economia.

A rota tradicional, como se sabe, foi a que se dirige ao mundo desenvolvido. Contudo, o reforço das medidas de segurança e dissuasão nas fronteiras desses países mais favorecidos, e a crise económica que se manifestou duramente em vários pontos do norte, estão a alterar o panorama.

O aumento do desemprego, uma das suas consequências mais negativas, afetou antes de mais nada os trabalhadores imigrantes nos países desenvolvidos, nalguns dos quais houve surtos de xenofobia contra os que “ocupam os nossos postos de trabalho”.

Reparemos, em primeiro lugar, no fator da “segurança”. Nos Estados Unidos, destino migratório por excelência, a ideia esboçada por um candidato eleitoral republicano, de eletrificar o muro erguido na fronteira com o México, é apenas uma agulha no palheiro das dificuldades já existentes para os que desejam participar no “sonho americano”.

Aí, a manobra do legislativo para atrasar a pretendida reforma migratória do presidente Barack Obama, e derrubar o projetado *DREAM Act* (que teria dado a jovens indocumentados a possibilidade de prestar um serviço ao país e, ao mesmo tempo, regularizar a sua situação migratória), parecem ter provocado uma queda dos níveis de imigração proveniente da América Latina.

Acrescentem-se legislações estaduais, como a SB1070, aprovada no Arizona, que pretendem criminalizar a imigração ilegal e deterioram o ambiente, inclusivamente contra os residentes legais, ao aumentar a pressão sobre tudo o que tenha “aparência” de indocumentado, a quem é possível deter sem grandes hesitações. Um verdadeiro absurdo, se se tiver em conta a contribuição económica dos imigrantes para os EUA, entre eles, os provenientes do México. Um filme de 2004, *Un día sin mexicanos*, de Sergio Arau, dá uma ideia aproximada do caos que reinaria na Califórnia se os “indesejados” desaparecessem de repente.

Quanto à Europa, destino fundamental dos migrantes do norte de África (apesar da crença comum, os subsarianos saem, na sua maioria, para outros países do seu meio), a OIM explica que o controlo mais estrito das fronteiras da UE não só

contribuiu para um maior número de detenções (em 2010, foram 4.000 mais do que em 2009), como funcionou enquanto elemento de dissuasão.

Acrescente-se que, ao contrário dos receios que as revoluções árabes de 2011 despertaram no discurso de certos políticos europeus, relativamente a imparáveis ondas migratórias a partir dessas zonas, a realidade é que “somente uma percentagem muito pequena dos deslocados pelo conflito empreendeu a travessia do Mediterrâneo”. Além disso, entre a OIM e a ACNUR (a agência da ONU para os refugiados) coordenou-se a evacuação de 143.000 nacionais de 50 países para os seus lugares de origem.

A crise é o segundo fator para a mudança de tendências. Explica a OIM que “houve uma certa redução das correntes migratórias para os países desenvolvidos, durante a crise e imediatamente depois. Por exemplo, nos EUA, o número de estrangeiros que entrou no país, baixou de 1.130.818 em 2009, para 1.042.625 em 2010; (...) na Grã-Bretanha, o número desceu de 505.000 em 2008, para 470.000 em 2009; (...) na Suécia, diminuiu de 83.763 em 2009, para 79.036 em 2010 e, na Nova Zelândia, de 63.910 em 2008, para 57.618 em 2010”.

E não só desce o número dos que chegam, como ainda se observa que nacionais dos países recetores têm cruzado as fronteiras, instigados pela crise. No caso de Espanha, por exemplo, segundo dados recolhidos pela BBC, 445.130 estrangeiros e 62.611 espanhóis abandonaram esse país durante o difícil ano de 2011, num primeiro ano com saldo migratório negativo numa década.

Para onde vão os espanhóis? Entre outros lugares, para a Argentina. Dados da Direção Nacional das Migrações do país austral, indicam que 3.000 espanhóis se instalaram lá de modo permanente, e o ano de 2011 marcou um máximo de novas estadias, com 700.

A *web* da OIM descreve de modo favorável a atitude argentina para com os imigrantes: a lei de Imigração de 2004, concede-lhes elevados padrões de proteção, com direitos como a saúde e a educação, e propicia a sua integração, além de lhes facilitar a reunificação familiar. Para os que vêm de algum dos países do Mercosul, há vantagens suplementares: com apenas um documento de nacionalidade e uma ficha policial limpa, o solicitante pode obter a sua residência regular.

Outro dos destinos prediletos dos espanhóis é o Brasil. De facto, o número de imigrantes estrangeiros que mais cresceu no gigante sul-americano foi o dos ibéricos: 45 por cento nos últimos quatro anos.

E mais poderá crescer: um recente relato do diário “El País” calculava em 400.000 o número de trabalhadores estrangeiros de que o Brasil necessitaria, para o que se estão a projetar modificações nos regulamentos migratórios. E a verdade é que além do mencionado impulso industrial que o país está a conhecer, avizinham-se dois acontecimentos importantes que vão gerar muito emprego: o Campeonato Mundial de Futebol

em 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Serão precisos braços, sim, mas sobretudo, tecnologia e pessoal capacitado para a utilizar.

Outros dos que procuram no Sul zonas de recuperação são os portugueses. No Brasil, por exemplo, o seu número em 2010 era de 276.000 e, no final de 2011, tinha subido até aos 330.000.

E os lusitanos veem filões de prosperidade noutras das suas antigas colónias, como nas de África. O diário britânico “The Guardian” fez-se eco de dados recentes do Governo português, os quais indicam que 10.000 dos seus cidadãos partiram em 2011 para o paraíso petrolífero que é hoje Angola, e que quase 98.000 estão já registados nos seus consulados em Luanda e Benguela. “Angola está aberta e disposta a ajudar Portugal a enfrentar a crise”, referiu o presidente angolano José Eduardo dos Santos. E milhares não demoraram a responder às suas palavras.

Como se vê, a complexidade deste mundo globalizado e suspenso dos altos e baixos da economia, está a levar a que as setas que marcaram durante décadas a uni-direccionalidade dos fluxos migratórios apontem, hoje, para os lugares mais insuspeitos.

A. R.

Jornalismo de investigação, uma causa nobre que procura sócios

Num momento crítico para a imprensa, comprometer-se num jornalismo de investigação e buscar informação verdadeira, como um serviço desinteressado à sociedade, continua a ter o seu atrativo para alguns profissionais.

Também o tem para alguns poucos mecenas, capazes de apoiar com os seus recursos causas nobres e, mais difícil, para doadores particulares que ainda acreditam na imprensa como bem público, uma voz independente, com a qual se devem denunciar abusos e defender os desfavorecidos.

Profissionalismo e comportamento ético não são contraditórios com a subsistência de um meio de comunicação. E uma nova filantropia está a sustentar projetos peculiares em Inglaterra, Rússia ou Estados Unidos, que abrem caminho num momento de declínio nos suportes tradicionais em papel. Embora a generosidade com as empresas jornalísticas em apuros não seja algo de novo – muitos mecenas salvaram do naufrágio títulos com anos de prestígio –, até agora tal havia acontecido por motivos mais interesseiros: a fama, a influência ou o poder.

Mas, na última década, iniciativas como “Texas Tribune” ou “ProPublica”, nos Estados Unidos, ou “Caucasian Knot” na Rússia, foram implementadas com uma base diferente: um quadro de profissionais experimentados, com um elevado conceito do jornalismo e relutantes a submeter-se às pressões do poder ou dos grupos económicos, e decididos a trazer à luz do dia abusos e negócios escuros, ou divulgar as denúncias dos que não têm voz. “Muitas organizações chegaram a encarar o jornalismo de investigação como um luxo, devido ao tempo e ao dinheiro que exige”, asseguram os promotores de “ProPublica”.

Nalguns casos, o perfil destes meios de comunicação inclui o partilhar das suas descobertas com outros meios, cedendo o seu uso. “ProPublica”, por exemplo, conseguiu já dois prémios Pulitzer com as suas reportagens em 2010 e 2011, e veio a ser finalista com uma série de artigos sobre as turvas relações entre laboratórios e médicos, ao descobrir e documentar que 17.000 médicos receberam mais de 250 milhões de dólares por apoiarem a distribuição de determinados medicamentos. Com o livre acesso aos seus conteúdos que “ProPublica” oferece, no caso dos médicos, as bases de dados oferecidas “deram lugar a 125 outros trabalhos diferentes publicados noutros meios de comunicação”, assegura esta *web*.

As causas que a “Texas Tribune” divulga estão mais diretamente relacionadas com a atividade política em sentido amplo. Graças a uma pretensa imparcialidade, este meio abastece-se com as contribuições financeiras dos leitores, e dos grandes doadores a quem prometem transparência e o encorajamento de um maior compromisso cívico dos cidadãos, como parte do que definem como instituição sem fins lucrativos. Entre os grandes temas abordados, encontram-se a pena de morte, as leis sobre imigração, a saúde ou a educação.

Mas a grande batalha destes Dons Quixotes da informação, é obter suficiente apoio dos seus doadores, e isso significa conseguir um reconhecimento do seu trabalho e lutar contra os entraves legais. O jornalismo de investigação é caro e nem sempre chega a conclusões relevantes, pelo que alguns meios de comunicação que partiram da filantropia, acabam por regressar ao circuito tradicional para adquirir a sustentabilidade. “Assinámos um acordo com o “Financial Times” para colaborar com eles em investigações importantes”, afirma Iain Overton, diretor-geral de “The Bureau of Investigative Journalism” (“TBIJ”), uma instituição não lucrativa, com sede em Londres, que produz investigação de qualidade para empresas jornalísticas.

Para Overton, “publicar apenas num meio de comunicação, não assegura um amplo impacto ou influência no público e tão-pouco permite recuperar o investimento em investigações longas e dispendiosas”. O “TBIJ”, que se constituiu com o apoio da City University de Londres, arrancou com o donativo inicial de 2 milhões de libras da Potter Foundation, mas além de conseguir outros doadores, estabeleceu acordos com uma dezena de meios de comunicação audiovisuais ou escritos, dos quais obtém recursos.

Mesmo assim, o risco de perder a independência continua sem resolução. Se “Caucasian Knot” recebeu em 2001 um apoio económico decisivo de Georges Soros, o rico financeiro de origem húngara, ninguém terá dúvidas de que a atividade do seu mecenas pouco ou nada beneficiará com uma *web* onde é feita uma clara defesa dos direitos humanos e se propicia informação de 17 províncias do Cáucaso com correspondentes independentes.

Mas, pelo contrário, a Ford Foundation, que concedeu em agosto, 500.000 dólares ao “The Washington Post”, teve de explicar amplamente que o dinheiro se irá destinar a “projetos relacionados com política e governo” e que servirá para pagar a quatro repórteres que estarão sob a supervisão do chefe de redação da secção de investigação. Esta mesma fundação beneficiou com as suas ajudas, cinco áreas de investigação do jornal “Los Angeles Times” e continua decidida a fazê-lo daqui para a frente com outros meios de comunicação em apuros.

M. A. B.

A Conspiradora

The Conspirator

Realizador: Robert Redford

Atores: Robin Wright; James McAvoy

Música: Mark Isham

Duração: 120 min.

Ano: 2010

Este filme aborda mais uma vez o assassinio do presidente Lincoln, focando-se na “caça ao homem” que conduziu à prisão efetiva dos criminosos. Trata-se de um caso real que analisa a emoção do momento e a pressão da opinião pública, sobre o tribunal militar encarregado de os julgar, sem hesitar em condená-los à morte para vingarem um crime tão bárbaro.

Tudo se complica devido à existência de vários cúmplices para além do autor material dos disparos. Uma das pessoas envolvidas é a dona de uma pensão, o local de reunião dos acusados ao combinarem o plano. Para a defender é escolhido um jovem advogado. Ele não quer. Considera que ela devia ser condenada, tal como toda a gente pensa... mas com relutância lá acaba por aceitar. Descobre então que apesar dessa mulher ser contra as políticas de Lincoln, está inocente

e não colaborara no plano. A partir dessa altura defende-a contra tudo e contra todos, pondo em causa a sua reputação. Sabe que, em primeiro lugar, quem o julga é a sua própria consciência e atua de acordo com o que sabe ser a verdade do caso.

O rapaz perde a causa e a mulher é enforcada, mas nem nessa ocasião desiste. Luta pela verdade e vem a conseguir que, mais tarde, os cidadãos civis tenham direito a julgamentos fora de tribunais militares. Ele usa até às últimas consequências todas as armas legítimas ao seu dispor. Acaba por vencer e é recompensado por quem realmente importa! Não é a glória efémera nem a vitória momentânea para o grande público o que ele procura alcançar...

Tópicos de análise:

1. Atuar sobre pressão conduz à precipitação e ao erro.
2. Só é vencido quem não tenta, pois desistir é a primeira e imediata derrota...
3. A verdade tem uma força que apesar de poder ser maltratada, acaba por vencer...
4. Lutar por uma causa justa apela ao que há de melhor e levaa a superar-se.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

